Entrevista com os irmãos Araruna, JOSÉ E ADEMAR, no jornal Buriti, Nº 3, março de 1988. Eram propostas do Jornal divulgar a cultura do Cariri e entrevistar empreendedores mauritienses, entre outras que buscavam valorizar os filhos de Mauriti

O sucesso Empresarial de José e Ademar Araruna

José Eunicio Araruna, além de empresário é diretor da Federação do Comércio Atacadista do Estado do Ceará, secretário do Sindicato do Comércio Atacadista de Medicamentos do Estado do Ceará, vice-presidente do Conselho Deliberativo do Clube dos Diários e ex-diretor do Rotary Club, entre outras ocupações. Zé Araruna, como o conhecem os mauritienses, deixou Mauriti ainda muito jovem em 1956. Era funcionário da Prefeitura na gestão de José Leite da Costa (Zé Luniguim). Por não ver perspectiva de progresso numa cidade pequena do interior, resolveu enfrentar a vida em Fortaleza. A viagem foi de imediato, procurou o apoio do prefeito, esse não faltou, só que, como a Prefeitura estava sem dinheiro para saldar o débito com Araruna, Zé Luniguim recorreu a um empréstimo junto ao comerciante Miguel Martins, que por sinal é tio dos nossos entrevistados.

Na capital iniciou trabalhando no Armazém Nordeste, depois Sul América de Seguros, até que pelas mãos do Dr. Elias Leite, foi trabalhar com vendas de produtos farmacêuticos na firma R. C. Abreu ainda em 1956, onde considera esse, o seu primeiro emprego em termos de continuidade. Foi convidado para trabalhar depois na Organom, onde permaneceu até 1959, quando o laboratório quis transferí-lo para São Luís do Maranhão. Achando que isso significava um retrocesso em sua vida profissional, deixou o emprego, mas logo foi convidado por Luiz Abreu, seu antigo patrão do R. C. Abreu, para instalarem a firma *Abreu & Araruna Ltda.*

Em 1964, criaram outra firma de comércio varejista, desta feita com a razão social inversa, Araruna & Abreu, que eram as farmácias César Cals.

Essa sociedade foi desfeita em 1973, quando sozinho criou a firma Araruna Comércio e Representação Ltda, que atualmente dá apoio a mais duas, com sede em Teresina-PI, que são Araruna e Cia. Ltda e Araruna Comercial de Combustíveis, além da farmácia Melhor, no ramo varejista em Fortaleza.

Casou-se, ainda em 1959 com Odila Souza Araruna com quem teve cinco filhos: Washington Fernando, Araruna Júnior, Anna Maria, Antônio Osório e Washington Luiz.

Ademar Araruna, saiu de Mauriti também muito jovem em 1958, onde seguiu as pisadas do irmão que já se encontrava em Fortaleza. Foi estudante da Escola Normal Rural de Mauriti e fazia parte na época, da banda de música municipal e como músico sonhava morar em Recife, despertado pelos frevos tocados na Rádio Tamandaré. Como clarinetista, tocava todos os frevos "de ouvido", e como diz, sonhava em ouvi-los ao vivo na própria Recife. Porém veio mesmo para Fortaleza, ingressando numa vaga deixada pelo seu irmão na firma R. C. Abreu.

"Foi uma barra pra mim, pois além da condição de leigo, tinha que trabalhar com uma classe altamente esclarecida e culta, que era a classe médica", comenta. Sem experiência, mas como diz, com uma memória privilegiada, passou a decorar bulas onde ainda hoje agradece a tolerância dos médicos que ouviam tantas bobagens, pois segundo Ademar, não há coisa mais incômoda do que ouvir uma pessoa falando como um papagaio.

Trabalhou também nos laboratórios Labrápia e Silva Araújo, considerando esse, o marco mais importante da sua vida profissional, pois o Silva Araújo era um laboratório muito importante na época.

Em Fortaleza, trabalhou até 1966, quando foi transferido para filiai do Recife. Em 1971 ainda na capital pernambucana, foi convidado a trabalhar em São Paulo, na Ormonoterapia Richter onde permaneceu por pouco tempo, retornando em seguida para Fortaleza para abrir uma filial. Transferiu-se depois para o Leperit, que havia encampado a Richter, onde se desligou em 1975 para constituir em sociedade com seu irmão, uma firma de representação de produtos farmacêuticos que foi a Martins Araruna e Cia Ltda. Atualmente, depois de desfeita a sociedade com o irmão, comanda a Martins. *Araruna, sozinho.*

Ademar é casado com Gláucia Lins Araruna com quem tem dois filhos: Janaína e Christiano Araruna. Pertence ao Sindicato do Comércio Atacadista de Produtos Farmacêuticos e a Federação do Comércio Atacadista de Produtos Farmacêuticos, onde é diretor sindical.

Buriti — Que envolvimento os ligam hoje a Mauriti?

J. Araruna — Envolvimentos sentimentais, mas em particular, os parentes e amigos que me apoiaram na infância e juventude, e uma dessas pessoas por quem tenho um grande respeito e uma admiração ainda maior é o Sr. Chapis Sampaio. Apenas estou fazendo um destaque, já que não tenho condições neste momento de enumerar todas as pessoas que me são caras em Mauriti e seria injusto deixar de relacionar algum nome nessa relação.

Ademar — Além da própria terra natal, uma das pessoas que mais me ligam a Mauriti é o meu tio Martins, não querendo menospresar os demais parentes, mas ele é um dos que mais se afinam comigo. Também poderia citar os tios Miguel. Não e o amigo Maurício Leite. Tenho gratas recordações da sua direção no nosso Clube SOREMA, onde sou sócio com a carteira de número um, no qual fui diretor social, durante a administração do Maurício.

Buriti — As dificuldades de um jovem vencer hoje, numa cidade do interior como Mauriti, são as mesmas de suas épocas?

J. Araruna — Não. Hoje as perspectivas são maiores, pois as cidades já são mais importantes. Na minha época as oportunidades eram zero. Hoje temos costureiros que se encontram muito bem, não digo que as oportunidades sejam excelentes, mas são melhores do que antigamente.

Ademar — Os jovens da minha época tinham muita esperança mas não tinham oportunidade, hoje devido a importância que a cidade representa para o desenvolvimento do Estado, o Governo está olhando com mais simpatia através dos projetos de desenvolvimento agropecuários e de irrigação, no sentido de estimular os agricultores de menor porte, tudo isso é um alento para os mais pobres.

Na minha época as oportunidades eram zero.

Buriti — Quando residiam em Mauriti, havia alguma liderança política que os empolgasse?

J. Araruna — José Leite da Costa (Zé Luniguim). Era do antigo PSD e, realmente dentro das suas limitações e da vida mauritiense, era um político sagaz que abraçava a todos e era realmente muito popular. Havia não só uma administração de nossa parte, como também afinidade, pois era um grande amigo e que me influenciava também, apesar de ser uma época de política muito quente.

Ademar — Eu sempre fui afastado de política, mas apesar de distante eu admirava a coragem de Zé Luniguim, o trabalho do coronel Teodósio e a amizade do Dr. Fernandes Cartaxo. Eu apenas acompanhava a política à distância.

Buriti — Como comparam as administrações municipais da época de vocês e as de hoje, em Mauriti?

J. Araruna — É difícil fazer uma comparação desse tipo, não tenho acompanhado de perto as atuais administrações. Mas, pelas visitas a Mauriti e pelo conhecimento da realidade estadual, achamos que, atualmente os homens públicos têm muito mais condições de servir a sua comunidade e fazer algo pelo seu município do que Zé Luniguim, Fernandes Cartaxo, Zé de Teodósio entre outros. Naquele tempo não se falava de coisa de participação, ICM, a receita municipal era o imposto de industrias e profissões, as taxas sobre abates de animais e aluguéis de bancas na feira aos sábados, pela utilização do espaço. Considerando esses dados, podemos adiantar que hoje não se tem administrações admiráveis, o que é de se lamentar. Principalmente quando se sabe que alguns homens públicos vêem mais o cofre da Prefeitura do que o bem-estar da população que governam, fazendo com que esses indivíduos, pouco ou nada realizem.

Ademar — Concordo com o meu irmão, e acredito realmente na falta de clareza dos administradores públicos municipais, o que redunda em prejuízo para a coletividade. Por outro lado essa falta de clareza vem desde a mudança do nome de nossa cidade. Desde a época em que residi nessa querida cidade, onde com muito orgulho nasci, sinceramente, nunca soube bem nos meus ouvidos a palavra "MAURITI". Não sei..., talvez porque o legado tempo eu gostasse bastante de fazer e decifrar charadas. Sempre achei que as três sílabas que compõem a palavra MAU-RI-TI, me impressionam de forma desagradável, visto que elas magoam uma frase chocante: "O mau ri de ti" cujo significado não condiz com a bondade e grandeza do meu povo. Parece bobagem, mas certos ou incertos nomes de cidades, como é o caso de Exu em Pernambuco, dizem os entendidos em psicologia, podem influir no comportamento do seu povo. Exu em umbanda, representa o Deus do Mal. Até mesmo os símbolos, exercem efetivamente certas influências. Citam-se o caso da SUÁSTICA, símbolo de saudação, de felicidade e de salvação para os nazistas. Comenta-se que o desequilíbrio do desenho, foi uma das causas da derrota da Alemanha na 2ª. guerra mundial. Por esses motivos que aí estão, sou favorável a que, assim como este jornal, Mauriti devesse voltar a se chamar Buriti. Todavia, este estado de coisa só pode melhorar apartir do momento em que a população começar a cobrar uma conduta séria desses homens públicos.

Buriti — Os senhores têm envolvimento político partidário?

J. Araruna — Não no sentido estrito da palavra, mas fazo política, como homens de empresa, proporcionando o desenvolvimento do nosso Estado e participando da administração de entidades classistas ou de clubes de serviços. Nesses casos estou trabalhando politicamente, para o bem-estar social dos menos favorecidos.

Ademar — Não participo de política, e hoje desacredito totalmente nos políticos, pois quando deveriam estar trabalhando pela coletividade, defendendo os interesses do povo, ficam brigando pelos cargos públicos, utilizando o governo para empregar amigos e parentes de competências duvidosa.

Buriti — O Buriti No. 2, deu uma idéia da criação de um conselho auxiliar de administração, composto por filhos ilustres de Mauriti, residentes fora do município afim de apoiarem organizadamente, o hospital São José, com o objetivo de melhorar o desempenho do mesmo. Que vocês acham da idéia?

J. Araruna — Acho a idéia excelente, devendo ser retomada e colocada em prática pois incluiria já existe essa experiência na Santa Casa de Misericórdia em Fortaleza com bastante êxito. Portanto, me coloco à inteira disposição de Mauriti e de vocês para encamparmos a idéia, e acrescentaria aqui o nome de um grande mauritiense, Francisco Morais, um grande empreendedor que construiu uma verdadeira cidade cuiro local e que tem muita vontade de servir a nossa terra, de maneira que deixo minha casa a inteira disposição para possíveis reuniões em torno desse conselho.

Alguns homens públicos vêem mais o cofre

Ademar — Concordo com a opinião do meu irmão e acho uma atitude excelente, pois somente assim poderíamos servir mais diretamente a nossa terra. Por outro lado, acredito que além da grande figura que é o Chico Morais, entrariam também nesse conselho com a maior boa vontade, pessoas como Chateaubriand e os irmãos Arrais.

Buriti — Como estão vendo o desempenho da Nova República?

J. Araruna — A Nova República deixou de existir no momento em que faleceu seu idealizador, o Presidente Tancredo Neves. Não podemos acreditar numa Nova República que mantém a mesma política econômica e convive com uma inflação de 16% ao mês. (Opinião antes do pacote).

Antonio dos Anjos Araruna e Antonia Martins de Morais.

Ademar — Para mim não existe Nova República. As coisas continuam as mesmas, inflação, desemprego e ainda as bolsas de políticos pelos cargos públicos. (Opinião antes do pacote).

Buriti — O que acham de toda esta discussão sobre Reforma Agrária?

J. Araruna — Acho importante, mas que não venha isoladamente sem apoio técnico-financeiro como algumas experiências já registradas no Brasil que logo após a terra ser distribuída com o colono, sem condições financeiras e sem apoio técnico, foi obrigado a vender essa terra ou simplesmente abandoná-la e virar bóia-fria.

Ademar — Acho válida, todavia não basta somente o Governo distribuir terras com os que não as possuem. É necessário principalmente, que preste total assistência ao novo proprietário para que ele possa produzir bastante para atender a todas as suas necessidades. Sou favorável a uma reforma agrária sem favorítismo político partidário e sem paternalismo.

Mauriti deveria voltar a se chamar BURITI

Buriti — Como vêm o apoio do Governo ao desenvolvimento da homeopatia?

Ademar — É simpática a ação do Governo em dá apoio necessário para pesquisas e obtenção de matérias primas nossas para fabricação de seus medicamentos a um custo mais baixo. Todavia, é importante que o Governo tome o cuidado necessário para evitar a ação dos exploradores da boa fé do povo. A homeopatia, ao contrário do que muita gente pensa (certas pessoas a confundem com fitoterapia, isto é, o emprego de substâncias de origem vegetal e até com curandeirismo), é o método terapêutico lesado na aplicação de uma lei denominada "Lei dos Semelhantes" ou "Princípio de Similitude".

A prática de homeopatia está fundamentada na comparação entre o conjunto dos sintomas apresentados pelo doente, e o conjunto das reações notadas quando do emprego experimental de certas substâncias num homem sadio, em altas doses. Significa dizer que, "todo produto administrado em dose forte num homem bom saúde, provoca determinadas perturbações, mas pode em dose fraca, fazer desaparecer essas mesmas perturbações num homem doente". Por exemplo: Ipeca, em dose forte provoca náusea e vômito, em dose fraca, diluída e dinamizada homeopaticamente, combate a náusea e o vômito. O café perturba o sono, em dose homeopática, ladiar ao sono. A alopatia, combate a doença na sua origem, enquanto a homeopatia, cura a doença utilizando-se das próprias energias do organismo, pois o organismo é despertado a liberar todas as suas forças internas a fim de eliminar a doença. Importante também, é que o Governo apoie a indústria farmacêutica nacional para que os laboratórios brasileiros possam competir em nível de igualdade com as multinacionais.

Buriti — O que acham do domínio das multinacionais numa área tão estratégica como a de medicamentos?

Ademar — Acho que resulta da falta de apoio à indústria farmacêutica nacional. Este é o motivo de ser tão caro um medicamento, num país em que justamente a grande maioria da população não pode comprá-lo.

Buriti — O fato do brasileiro ser hipocondríaco por natureza, faz com que vender medicamentos seja um bom negócio?

Ademar — Atualmente, não existe a garantia de ser um bom negócio, exatamente devido à pequena margem de comercialização e à sobrecarga das obrigações fiscais, trabalhistas, entre outras. É preciso administrar bem o seu negócio, para que não se sofra prejuízo.

Buriti — É fundamental para um distribuidor farmacêutico, ter uma experiência anterior como viajante?

Faço política como homem de empresa.

J. Araruna — Como toda profissão, a de empresário no ramo de medicamentos, tem suas exigências específicas: conhecimento farmacológico para um melhor entendimento com os clientes, e um diálogo mais direto com os funcionários a fim de impor sua liderança e ser acreditado por aqueles que seguem sua orientação.

Isso se aprende realmente na universidade do dia-a-dia, seja como vendedor de farmácia, farmacêutico ou viajante.

Buriti — Como um empresário organiza seus negócios com uma inflação média de 16% ao mês? (Antes do pacote).

J. Araruna — Fica difícil para um empresário se planejar a médio e longo prazos criando um clima de insegurança quanto ao futuro, já que não se sabe objetivamente, qual a expectativa dos negócios a partir do dia seguinte.

Ademar — É necessário orientar o muito bom senso e uma visão bastante ampla a sua es s. Mesmo assim, com uma inflação de 16% se torna

Falta apoio à indústria farmacêutica nacional.

Buriti — Há muitas histórias com viajantes. Conteem um fato pitoresco acontecido durante as experiências de voceê.

Ademar — Certa vez, chegou de carro novo num consultório médico, na época, é claro, em que o possuidor de automóvel era considerado rico. Ao ingressar na sala do doutor para visitá-lo, viu um cochiro de uma senhora que revoltada esperava o médico: "pois é, ainda dizem que entregador de catuaba não ganha dinheiro".

J. Araruna — Aconteceu no antigo Centro de Saúde de Fortaleza. Aquela multidão, gente doente, crianças chorando.

O Dr. Belo da Mota, depois de uma manhã estafante de trabalho e ainda com muita gente pra atender, ouvia uma senhora gritar de ponta de pé, do lado de fora do seu gabinete:

— Dr. Mota, o senhor tem aí uma amostrazinha de ASMACURT (Remédio pra asma) No que o médico respondeu:

— Minha senhora, depois de um safoco desse eu já não tenho mais asma, não tenho mais e.